

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 6 | Nº 18 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4784681>



PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA E SAÚDE DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: VIVÊNCIAS DA PSICOLOGIA À REDUÇÃO DE DANOS

Edcleia Lopes de Carvalho¹

Thaís da Silva Costa Santiago²

Renan Vieira de Santana Rocha³

Iago Lôbo Siqueira Rodrigues⁴

Resumo

O presente artigo constitui-se em um relato de experiência, desenvolvido a partir da prática de um Estágio Específico em Intervenções Psicológicas, no âmbito de uma graduação em Psicologia, de uma Universidade da cidade de Salvador/BA, focado na atuação do Psicólogo Social Comunitário, junto ao programa Corra Pro Abraço. O Programa Corra Pro Abraço constitui-se em um dispositivo da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS), do Governo do Estado da Bahia, cuja atuação é direcionada a pessoas em situação de rua e/ou em uso abusivo de substâncias psicoativas na cidade de Salvador, sendo uma importante estratégia de qualificação do cuidado e da assistência a estas mesmas populações. Assim, este artigo tem por objetivo descrever a experiência da realização de um Estágio Específico em Intervenções Psicológicas, em modelo remoto (online), a partir da atuação de um conjunto de estagiárias/os em Psicologia em ações de Psicologia e Mídia, junto ao Programa Corra Pro Abraço. Sendo um estudo de caráter descritivo, que relata uma experiência desenvolvida por estagiárias/os no Programa, de maneira objetiva, descritiva e observacional, acreditamos que o mesmo pode contribuir com o compartilhamento de saberes e práticas nas áreas em questão, bem como servir de baluarte que embase outras práticas formativas vindouras. Destaque-se, por fim, os efeitos da pandemia da COVID-19 no processo formativo de psicólogas e psicólogos, elemento o qual pontuaremos no desfecho do presente estudo.

Palavras chave: Pessoas em Situação de Rua; Psicologia Social Comunitária; Redução de Danos; Vulnerabilidade.

Abstract

This article is an experience report, developed from the practice of a Specific Internship in Psychological Interventions, within a Psychology degree, from a University in the city of Salvador/BA, focused on the work of the Community Social Psychologist, along with the Corra Pro Abraço Program. The Corra Pro Abraço Program is a device in the capital of Bahia, financed by the Secretariat of Justice, Human Rights and Social Development (SJDHDS), of the Government of the State of Bahia, whose activities are directed at people living on the streets and/or in abusive use of psychoactive substances, being an important strategy for qualifying care and assistance to these same populations. Thus, this article aims to describe the experience of carrying out a Specific Internship in Psychological Interventions, in a remote model (online), based on the performance of a set of interns in Psychology in Psychology and Media actions, along with the Corra Pro Abraço Program. Being a descriptive study, which reports an experience developed by interns in the Program, in an objective, descriptive and observational manner, we believe that it can contribute to the sharing of knowledge and practices in the areas in question, as well as serving as a bastion which underlies other training practices to come. Finally, we highlight the effects of the pandemic of the COVID-19 on the training process of psychologists, an element that we will score in the outcome of this study.

Keywords: Community Social Psychology; Harm Reduction; Homeless People; Vulnerability.

¹ Psicóloga, graduada pela Universidade Salvador (UNIFACS). E-mail: edcleiacarvalho@gmail.com

² Psicóloga, graduada pela Universidade Salvador (UNIFACS). E-mail: thaisantiago1@outlook.com

³ Psicólogo e Mestre em Saúde Coletiva. Docente da Universidade Salvador (UNIFACS). E-mail: renanvsr@gmail.com

⁴ Psicólogo e especialista em Psicoterapia Analítica. Supervisor de Equipe no Programa Corra pro Abraço. E-mail: ialobosr@gmail.com



INTRODUÇÃO

A desigualdade e a vulnerabilidade social são cada vez mais visíveis na contemporaneidade brasileira. O preocupante aumento do número de pessoas em situação de rua parece evidenciar essa realidade. Segundo dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2015, o Brasil chegou ao marco de pouco mais de 100 mil indivíduos vivendo nas ruas (BRASIL, 2017).

À vista disso, é notório que a realidade e as necessidades dessas pessoas não são reconhecidas pela maior parte da população, e a prática da cidadania não é efetivada e assegurada a todas e todos como deveria. Sobre isso, Hino, Santos e Rosa (2017, p. 736) nos elucidam que:

Diversas razões tentam explicar o motivo pelo qual as pessoas passam a viver nas ruas, compondo uma situação de exclusão das estruturas convencionais da sociedade. A busca pela liberdade, os desajustes familiares, a dependência de álcool e drogas ilícitas, a presença de doença mental, a migração, o desemprego, a pobreza extrema e a desilusão amorosa são alguns dos motivos relatados na literatura que fazem com que as pessoas busquem a rua como local de moradia.

No que tange aos aspectos que envolvem o uso de álcool e outras drogas como “razão” para a condição do “viver na rua”, essa pode também ser consequentemente produzida ou *retroalimentada* quando o indivíduo já está nas ruas. Dessa forma, faz-se o uso de tais substâncias como um mecanismo para suportar uma existência em sofrimento real, de forma a minimizar as dificuldades do “viver na rua”, como a fome e o frio, que fazem parte dessa constante situação de vulnerabilidade (RODRIGUES; LIMA; HOLANDA, 2018; SANTOS; JACINTO; ROCHA, 2020).

Compreender a complexidade das demandas do consumo abusivo de substâncias psicoativas nas estruturas da vulnerabilidade social é algo muito além do que o senso comum e as abordagens farmacológicas são capazes de revelar. Dessa forma, é necessário conceber o real significado do consumo, a partir da dimensão subjetiva que contempla cada sujeito. Sendo assim, frente ao leque de fatores sociais, psicológicos e culturais, o consumo de substâncias psicoativas confere formas e sentidos diferentes, possibilitando assim a criação de tabus, pré-conceitos e estereótipos sobre o mesmo, principalmente quando vinculado a esse público marginalizado (MENDES; RONZANI; PAIVA, 2019).

Nesse sentido, a necessidade de intervenções atentas às demandas do lócus onde se insere, nesse contexto, torna-se imprescindível, inclusive a partir de ações que respeitem diferenças e questões individuais daqueles que constituem o alvo da intervenção, sempre ponderadas, contudo, a partir de uma reflexão social e comunitária. Portanto, a atuação do psicólogo social comunitário, nesse processo, é de fundamental importância, pois, segundo Maciel e Alves (2015, p. 275):



a Psicologia Social Comunitária visa promover a consciência e minimizar a alienação” bem como “procura promover a participação reflexiva dos grupos com os quais trabalha na definição das prioridades de atuação, planejamento, execução e avaliação de suas atividades.

Logo vê-se que tratamos de uma perspectiva de trabalho que orienta o olhar profissional, não apenas ao estabelecimento de metas curativas e resolutivas de problemas pontuais, mas a uma leitura macroscópica, que analisa a realidade concreta vivenciada, em suas questões sociais e em suas particularidades, tentando ter a conscientização como horizonte derradeiro (MARTÍN-BARÓ, 1997).

Assim, o presente relato de experiência tem como objetivo geral descrever a experiência da realização de um Estágio Específico em Intervenções Psicológicas, em modelo remoto (online), a partir da atuação de um conjunto de estagiárias/os em Psicologia em ações de Psicologia e Mídia, junto ao programa Corra Pro Abraço. Como objetivo paralelo, intenta também apresentar as principais metodologias que possibilitaram uma prática de estágio orientada pelos pressupostos da Psicologia Social Comunitária, com foco em intervenções com população em situação de rua, vulnerabilidade social, uso abusivo de substâncias psicoativas e Redução de Riscos e Danos. É de suma importância ressaltar, adicionalmente, que o período de realização do estágio coincidiu com a realidade pandêmica atual, causada pela ocorrência do novo coronavírus, SARS-CoV-2, responsável pela Doença do Coronavírus 2019 - COVID-19 (MARANHÃO; SENHORAS, 2020), promovendo o isolamento social como principal recurso de enfrentamento à pandemia. Este contexto demandou uma adaptação nos processos de trabalho e nas práticas de estágio das mais diferentes graduações em saúde no Brasil (ROCHA; BRAMBILLA; BARROS, 2020), inclusive para a Psicologia, que passou a reordenar parte substancial de suas práticas para o modelo exclusivamente remoto (online).

Sendo assim, esse relato justifica-se pela necessidade de apresentar os principais desafios, impactos e ganhos para concluintes de uma graduação em Psicologia na vivência de práticas deste tipo, trazendo discussões sobre o contexto, o processo, as dificuldades, as adaptações, as implicações e os resultados obtidos, frente à percepção da vivência das/os estudantes envolvidas na relação com tais práticas, de caráter exclusivamente remoto (online). Consequentemente, e enfatizando as ferramentas tecnológicas utilizadas para o desenvolvimento e a continuidade do estágio e o modo como as atividades desenvolvidas influenciaram diretamente no método de ensino e aprendizagem, queremos também ponderar sobre como o reconhecimento da indispensabilidade da Psicologia nos espaços de vulnerabilidade nesse momento advém de uma percepção da crítica possível de se fazer a partir da nossa ciência e profissão.



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

É necessário compreender que são diversas as causas que fazem com que a rua seja adotada como um “lar”, em que se deve considerar que seus moradores partilham de inúmeras características em comum, o que permite a identificação entre ambos. De acordo com Rosa, Cavicchiol e Brêtas (2005, p. 578), a trajetória de vida que os levou às ruas desenha, na maioria das vezes, uma sequência de fatos e fracassos pessoais que se associam fortemente a um desamparo institucional. É relevante considerar, assim, os motivos e aspirações que se revelam nas trajetórias de cada sujeito, de cada pessoa em situação de rua, pois são esses elementos que caracterizam a singularidade e a identidade de cada sujeito que ali está e os fatores que determinaram as suas escolhas.

Isto, inclusive, nos permite compreender que o espaço da rua não é e não pode ser compreendido como um espaço homogêneo, constituído por uma *massa uniforme e padronizada*, sem rostos e sem histórias; antes, é constituído por um emaranhado complexo de vidas, que costuram uma malha viva e pulsante. A leitura, logo, é sempre nesse entremeio: há de se ver o todo, mas há de se ver as partes.

É deste lugar que se parte, neste estudo. O mesmo configura-se como um estudo descritivo, que relata uma experiência, contendo como base teórica a discussão dos textos utilizados e dos materiais desenvolvidos ao longo da experiência do estágio. Sobre o relato de experiência como método, dizemos Daltro e Faria (2019) que este configura-se como uma escrita direcionada para a modernidade e suas complexas relações, que nem sempre configuram processos de produção de conhecimento por vias formais ou já convencionadas; assim, na dinâmica dos processos de trabalho e das práticas que se desenvolvem cotidianamente, quanto mais nos espaços de Políticas Públicas e Direitos Humanos, conhecimento de aplicabilidade teórico-prática também se faz e, assim, este método acaba por surgir como um importante recurso, caminho e anteparo de diálogo com demais pesquisadoras e pesquisadores.

Optar por um relato de experiência, desta feita, como base metodológica, significa, nesse artigo, uma opção por apresentar fatos a partir do que foi vivido diante das experiências, caracterizando-o como uma ferramenta capaz de descrever um relato articulado, onde o sujeito se sente implicado a apresentar eventos e acontecimentos evocados durante o período de atuação, de forma que possa descrevê-los de maneira objetiva, descritiva e observacional. Isso permite recuperar memórias, não se tornando apenas um relato vivido, mas uma narrativa do experienciado (DALTRO; FARIA, 2019).

Logo, todos os conteúdos aqui explorados foram elaborados no contexto (supervisionado) de um Estágio Específico em Intervenções Psicológicas, junto a uma turma de concluintes de uma graduação em Psicologia, em uma Universidade da cidade de Salvador/BA, tendo como temática central



“Psicologia Social Comunitária e Saúde da População em Situação de Rua”, e tendo como campo de práticas o Programa Corra Pro Abraço (CPA), da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS), do Governo do Estado da Bahia⁵.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiros Passos: Conhecendo o Corra Pro Abraço e a Redução de Danos

A supervisão do estágio, em caráter presencial, teve início em Fevereiro de 2020, a partir do planejamento da leitura de textos como fundamentação teórica, que abordariam temas transversais como: Psicologia e Segurança Pública; Redução de Riscos e Danos como espaço de exercício da cidadania dos usuários de drogas; Pessoas em Situação de Rua; Trajetórias e Exclusão Social; Atuação do Psicólogo Social Comunitário; Redução de Danos e Acompanhamento Terapêutico; Identidade, Drogas e Saúde Mental; Representações Sociais sobre as Pessoas em Situação de Rua; entre outros. Estes temas introdutórios foram indicados para que se tornasse possível, ao longo do processo, discutir e compreender determinadas características importantes para a atuação em campo com pessoas em situações de rua também a partir de estudos e experiências progressas, já publicadas na literatura científica.

Após esta etapa, realizou-se um primeiro encontro com representantes responsáveis pela turma de estágio junto ao Programa (preceptores), com o intuito de costurar as apresentações iniciais e para tornar possível uma explanação, por parte da equipe, sobre o Programa Corra pro Abraço, apresentando os possíveis locais e contextos para a atuação das/os estagiárias/os, seguindo-se à divisão da turma em grupos para designar a escala semanal de idas a campo e realização das práticas nas Unidades de Apoio na Rua (UARs)⁶.

Neste momento, foi possível às/aos estagiárias/os conhecer, pela primeira vez, o Programa Corra Pro Abraço. Este é um programa da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS), sob a gestão da Superintendência de Políticas sobre Drogas e Acolhimento a Grupos Vulneráveis (SUPRAD), do Governo do Estado da Bahia. Tem como objetivo a promoção da cidadania

⁵ Por se tratar de um estudo que se baseia em dados derivados de uma intervenção que não foi diretamente desenvolvida com seres humanos, seja em caráter clínico, seja em caráter de pesquisa, este estudo prescindiu de aprovação por parte de qualquer Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), bem como os dados derivados da vivência no Programa são públicos, constantes dos relatórios periódicos de prestação de contas do mesmo. Contudo, convém salientar, contundentemente, que todos os critérios associados às Resoluções CNS Nº 466/2012 e 510/2016 foram respeitados, resguardando-se, em absoluto, os princípios de sigilo e confidencialidade em pesquisa.

⁶ As Unidades de Apoio na Rua (UARs) são contêineres com espaço para banho e uso de sanitário, além do armazenamento de água e outros insumos de redução de danos, e que funcionam como espaços de produção de vínculos para que ocorra o trabalho entre a equipe do Programa e a população em situação de rua.



de pessoas que usam drogas, em situação de rua e outros contextos de vulnerabilidade social, baseado nas estratégias de redução de danos físicos e sociais (ROCHA, 2018). Dentre as principais atividades desenvolvidas estão os atendimentos, encaminhamentos e acompanhamentos, além das estratégias que propõem a articulação com as redes de políticas públicas em saúde, assistência social, educação, etc. Buscando lidar não só com a questão do uso abusivo de álcool e outras drogas, como se vê em diversas políticas estruturadas na perspectiva proibicionista, mas, principalmente, atuando no combate ao processo de estigmatização e criminalização vivenciado por seus usuários, o Programa se assenta na realidade da capital baiana, produzindo vínculo com os mais diferentes usuários, assegurando a oferta de serviços mais humanizados e qualificados a estes públicos.

Assim, diversas foram as estratégias desenvolvidas pretendendo compreender a questão a partir de uma lógica ética e pragmática, respeitando a autonomia e [as] histórias de vida dos indivíduos com seus marcadores de vulnerabilidade: classe, sexo, gênero, raça, orientação sexual, deficiência, etc. (ARAÚJO; SAAD, 2019, p. 38).

Para a sociedade, todavia, esses indivíduos “se igualam” de um modo geral, excluindo condições e vínculos familiares que, em muitos casos, ainda são existentes. Três situações distintas, logo, podem ser consideradas para a “classificação” do “povo de rua”:

Ficar na rua (circunstancialmente), estar na rua (recentemente) e ser da rua (permanentemente). “Ficar na rua” caracteriza transitoriedade, a pessoa possui ainda um projeto de vida e mantém fortes vínculos familiares; “estar na rua” implica na diminuição do contato com a família e o estabelecimento de novos vínculos na rua; “ser da rua” traz em si a identidade e [a] identificação com a própria rua, que passa a ser o lugar de referência e espaço de relações – o corpo se modifica, bem como as formas de conviver e ver o mundo (ROSA; CAVICCHIOL; BRÉTAS, 2005, p. 578).

Por tudo isto, e com base nas experiências do Programa ao longo de sua trajetória, o “Corra” (como é afetivamente denominado pela equipe e pelas/os suas/seus assistidas/os) intensificou a sua atuação em Redução de Danos para além de uma intervenção focada unicamente no sujeito que demanda cuidado, atuando, em verdade, como suporte na brecha da ausência de políticas públicas para essa população, que teve o seu processo de vulnerabilidade intensificado por não ter tido acesso a essas políticas ao longo das suas vidas (ARAÚJO; SAAD, 2019).

A Redução de Danos (RD), outrossim, surge como uma abordagem política e prática que tem como foco a minimização de danos sociais e à saúde de usuários de substâncias psicoativas. Hoje, precisamos considerar que as intervenções feitas a partir da RD devam englobar um cuidado para além do âmbito da saúde, lutando pelo direito à cidadania e aos Direitos Humanos da população em distintas



situações de vulnerabilidade. E, nessa perspectiva, as estratégias promovidas pelo “Corra” para a RD são pautadas a partir da proteção, do cuidado e do autocuidado desse público, mediante uma lógica não punitiva, reconhecendo-os enquanto sujeitos biopsicossociais e de direitos (MACHADO; BOARINI, 2013).

Os programas de RD são instituídos a partir de novas tecnologias em saúde, comprometidas com o respeito às diferentes formas de ser e estar no mundo. Dessa forma, as atividades de atenção ao usuário são sempre elaboradas mediante a demanda singular de cada pessoa que utiliza o serviço, onde, a partir disso, são definidos os objetivos, as metas e os procedimentos que melhor se adequam à história de vida de cada um e, conseqüentemente, na prevenção e na promoção de saúde dos mesmos. Nesse leque, ações que envolvam educação, informação e aconselhamento estão dentre as atividades desenvolvidas pelos programas de RD. Nesse sentido, a utilização da Psicologia e Mídia surge como mecanismo de informação junto à Redução de Danos, o que se torna ferramenta fundamental, já que possibilita a construção e o compartilhamento de conhecimento a partir de produções colaborativas e de conteúdos acessíveis para esse público (MACHADO; BOARINI, 2013).

Segundos Passos: Pensando e Aplicando a Redução de Danos entre a Psicologia Social Comunitária e as Mídias Sociais

Com o início da pandemia do novo coronavírus no Brasil, a cidade de Salvador entrou em período de quarentena e fez-se necessário alterar o cronograma das práticas que haviam sido, até então, pactuadas. As atividades presenciais foram suspensas em 17 de março de 2020, havendo a continuidade, apenas, das supervisões no modelo remoto (online), suspendendo-se temporariamente as práticas em campo, sob quaisquer formatos possíveis.

Contudo, em Setembro de 2020, após autorização por parte do Ministério da Educação (MEC) e do Conselho Federal de Psicologia (CFP), foi possível aventar a retomada de práticas de estágios a partir do modelo exclusivamente remoto (online). Após tal, novas propostas de práticas surgiram diante do cenário em que ainda se encontrava a pandemia, dando continuidade às possibilidades de atuação junto ao Corra Pro Abraço, as quais poderiam ser de três (03) tipos, todas em formato remoto: (1º) Acompanhamento Psicológico a Usuários/Assistidos pelo Programa; (2º) Acompanhamento Psicológico a Familiares; e (3º) Atividades em Psicologia e Mídia, junto à Equipe de Comunicação – com a operacionalização de iniciativas como o “Podcast do CPA”, o “Papo RD” e o “Dica RD” (via plataformas gratuitas do *YouTube* e do *Spotify*). Adicione-se a estas práticas o acompanhamento semanal às reuniões de Equipe (sob avaliação/organização interna). Foi a partir dessa nova proposta de



permanência do estágio que as/os estagiárias/os de Psicologia puderam optar entre as diferentes opções sinalizadas, havendo a maioria escolhido compor o grupo de práticas em Psicologia e Mídia, baseado nas propostas que poderiam ser desenvolvidas ao longo do estágio. É a este projeto que se dedicará maior atenção, neste estudo, a partir de agora.

O projeto de Psicologia e Mídia se inseriu dentro das ações já realizadas pela Assessoria de Comunicação (ASCOM) do Programa Corra Pro Abraço, que têm por objetivo de criar materiais didático-pedagógico-comunicacionais para iniciativas em áudio e vídeo, como o “Papo RD”, o “Dica RD” e o “Podcast do CPA”; mas também para materiais escritos, como a “Cartilha sobre Redução de Danos e Comunicação” e o “Clipping: Giro de Notícias”, planejados a partir de reuniões quinzenais com o grupo responsável. Considerando que o modelo remoto (online) se tornou uma alternativa para viabilizar a comunicação de base educativa por meios tecnológicos, as reuniões se tornaram um espaço de construção de conteúdos e diálogo, além de possibilitar o planejamento dos materiais que poderiam ser confeccionados com a nossa contribuição. A priorização de estratégias comunicacionais, por sua vez, dialoga com estudos anteriores, que apontam para as iniciativas em informação e comunicação como um importante caminho para produção de práticas de cuidado construídas sob moldes não convencionalmente assistenciais (ROSA; CAVICCHIOLI; BRÊTAS, 2005; RODRIGUES; LIMA; HOLANDA, 2018; SANTOS; JACINTO; ROCHA, 2020).

Destarte, e em conjunto, foram produzidas atividades no projeto de Psicologia e Mídia durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2020, com o intuito de desenvolver materiais para as iniciativas já citadas. O material produzido propunha sempre o fortalecimento da identidade do Programa, fundamentado no diálogo com a(s) população(ões) vulnerável(is) assistida(s), propondo acessibilidade à informação e à comunicação. O ensejo, logo, era que o conteúdo fosse sempre produzido em seu sentido mais dialético possível – mediando relações, informações e conhecimentos entre equipe e usuários/assistidos, que poderiam, como uma constante, opinar sobre os materiais e co-construir os mesmos, protagonizando, por diversas vezes, estas iniciativas – ganhos também já afirmados na literatura científica (ROSA; CAVICCHIOLI; BRÊTAS, 2005; RODRIGUES; LIMA; HOLANDA, 2018; SANTOS; JACINTO; ROCHA, 2020). E, como não poderia deixar de ser, a construção das informações tinha sempre um forte embasamento teórico-crítico, de modo a que pudessem ser divulgados através da comunicação institucional nas redes sociais do Corra, juntamente com fotos das atividades, memórias e registros do Programa como meio de produção de conteúdo.

Dentre os membros do grupo, havia duas técnicas da equipe que eram as pessoas responsáveis por suporte/orientação, as quais são assessoras de comunicação e designer do Corra, respectivamente, e são tidas como as referências na atuação específica para a qual as/os estagiárias/os foram designadas/os.



De início, as/os estagiárias/os foram informadas sobre como, para o Programa Corra Pro Abraço, uma leitura estratégica da comunicação era primordial; portanto, a Assessoria de Comunicação cumpre um papel central na prática de RD no dia a dia, que é o de tornar possível e acessível o conhecimento sobre boas práticas de cuidado e em saúde, orientadas pela perspectiva da RD – visto que a RD é, inclusive, um paradigma ainda em disputa do ponto de vista das políticas sobre drogas (ROSA; CAVICCHIOLI; BRÊTAS, 2005; MACHADO; BOARINI, 2013; RODRIGUES; LIMA; HOLANDA, 2018; SANTOS; JACINTO; ROCHA, 2020).

O trabalho da ASCOM, onde se insere o projeto de Psicologia e Mídia, é justamente o de construção de narrativas, promoção da informação qualificada e combate ao estigma contra as pessoas que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas; e, desse modo, há uma conexão com todas as demais dimensões e metas do Programa. Neste sentido, para além das redes sociais e dos canais oficiais do Programa que se utilizam de conteúdos em vídeo – como o *Facebook*, o *Instagram*, o *WhatsApp* e o *YouTube* – há, também, um investimento no “Podcast do CPA”, de nome oficial “#Ativamente” (oferecido a partir do *Spotify*). Na crença de que o Podcast, enquanto recurso auditivo, tem um potencial de falar mais “para fora”, de transformar a experiência do Corra em conhecimento a ser difundido, espera-se que este possa funcionar como um espaço de articulação entre serviços e movimentos sociais que atuam na área de RD – o que, em diversos momentos, é possível constatar, ao longo da vivência no Programa.

Para as/os estagiárias/os, a princípio, a proposta dos conteúdos a serem produzidos foram para dois dos quadros já citados (o “Papo RD” e o “Dica RD”), através do qual a locução narra fatos sobre a história da RD e curiosidades e dicas para os usuários, contendo informações sobre o nascimento, as origens e a história da RD, com pauta no Brasil e no mundo. Em seguida, conteúdos sobre como surgiu o Setembro Amarelo (mês de inserção das/os estagiárias/os no Programa). Após isso, a produção destinada foi a de uma síntese para contribuir com a série: “Setembro Amarelo: o afeto como tecnologia de Redução de Danos”, em dois episódios, com o propósito de superar também a ideia de que Saúde Mental é somente uma questão clínica, trazendo para a dimensão do social e do comunitário, do estabelecimento de vínculos e do manejo do afeto. Aqui, note-se o franco diálogo com perspectivas de trabalho assentadas na perspectiva da Psicologia Social e Comunitária (MARTÍN-BARÓ, 1997; MACIEL; ALVES, 2015) – onde Martín-Baró nos aponta a direção da conscientização dos povos quanto às suas condições sociais com um dos melhores horizontes de atuação para psicólogas e psicólogos efetivamente comprometidas/os com os públicos de quem cuidam.

O primeiro episódio, produzido em parceria com as/os estagiárias/os, intitulado “O afeto como tecnologia de Redução de Danos”, contou com as participações de uma psicóloga integrante equipe do



Corra Pro Abraço, de uma professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e de uma professora da Equipe de Saúde Mental da Defensoria Pública do Estado da Bahia. A mediação ficou a cargo da locutora e redutora de danos da equipe. O lançamento se deu na ocasião do próprio Setembro Amarelo, e da campanha de Prevenção ao Suicídio.

A partir desse momento, as tarefas para construir as informações para o “Papo RD” e o “Dica RD” foram sendo desenvolvidas em rodízio pelo grupo, mas ambos contavam com o mesmo foco de informações. Dentre os temas, constava a comunicação pró Direitos Humanos e antirracista e, ao longo da segunda metade do projeto, também foram realizadas pesquisas com embasamento teórico e bibliográfico, sobre: a água como estratégia e insumo de RD; Relação entre arteeducação, *educomunicação* e RD; e “Clipping: Giro de Notícias” relacionadas a Políticas sobre Drogas, Redução de Danos, Saúde Mental e Uso de Substâncias, entre outros.

Durante todo o período de desenvolvimento do projeto Psicologia e Mídia, também houve a participação das/os estagiárias/os nas reuniões gerais com toda a equipe do Programa, que eram realizadas em um turno fixo (nas tardes das sextas-feiras), para discutir questões gerais do campo de atuação. Isto colaborava na produção de discurso e práticas com maior alinhamento entre a equipe, seguindo a compreensão de que a comunicação seria um eixo congregador das demais metas a serem alcançadas pela equipe - o que também encontra coro na literatura, quando se evidencia o lugar de uma boa comunicação como tronco central em diferentes projetos de perspectiva social e comunitária mais modernos (ROSA; CAVICCHIOLI; BRÊTAS, 2005; RODRIGUES; LIMA; HOLANDA, 2018; SANTOS; JACINTO; ROCHA, 2020).

Durante a última reunião, destaque-se, em Novembro, o grupo que acompanhou as ações em Psicologia e Mídia pôde realizar uma avaliação geral das práticas e, também, dos materiais possíveis para o fechamento das atividades. Assim, as/os estagiárias/os sugeriram como um produto final um folheto para as mídias sociais com conteúdos relacionados ao “Uso de Substâncias Psicoativas na Pandemia”, apresentando algumas das ações viabilizadas pelo Programa no âmbito da Redução de Danos – finalizando-se, com este produto, o estágio aqui descrito. Em conjunto a todas as atividades citadas anteriormente, acrescente-se, ocorreram as supervisões semanais do Estágio Específico em questão, para relato do desenvolvimento/planejamento de todas as atividades nos projetos e reflexão teórico-crítica sobre as mesmas.

Diante do relatado, nota-se que modificações estratégicas que ocorreram ao longo do processo do estágio foram necessárias, alterando o planejamento inicial de toda a prática aqui descrita. Porém, ao final do estágio, o que sobressai é a percepção da relevância da construção desta experiência, propondo outros caminhos possíveis, através da comunicação e da informação, à Psicologia, com bases teóricas



sólidas e, ao mesmo tempo, instituintes, com o propósito sempre presente de preconizar o fortalecimento da identidade e do propósito do Programa Corra Pro Abraço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objetivo descrever a experiência da realização de um Estágio Específico em Intervenções Psicológicas, em modelo remoto (online), a partir da atuação de um conjunto de estagiárias/os em Psicologia em ações de Psicologia e Mídia, junto ao Programa Corra Pro Abraço. Assim, este trabalho ensejou demonstrar que tal experiência possibilitou a construção e o delineamento de estratégias de atuação em Psicologia, por meio da implementação de conhecimentos mediante produções de conteúdos sobre Redução de Danos, como um mecanismo colaborativo no repasse de informações para o público das redes de comunicação do Programa, e para a sociedade em geral.

É imprescindível ressaltar que, mediante a questão pandêmica, junto à necessidade da modificação no formato das práticas do estágio para acatar a obrigatoriedade do distanciamento social, acredita-se que o Programa conseguiu satisfatoriamente adequar parte de suas necessidades ao modelo remoto, de forma que conseguisse manter suas principais atividades, mantendo as/os estagiárias/os ativos e em contato com as ações realizadas pelos profissionais fora do modelo remoto – demonstrando ser possível o desenvolvimento de práticas voltadas para pessoas em situação de rua a partir de modelos não convencionais de cuidado – o que cremos já estar demonstrado, também, em estudos anteriores sobre o próprio Programa aqui em análise (SOUZA ALVES; ROCHA; RODRIGUES, 2020; PAIXÃO; ROCHA; RODRIGUES, 2021), e cujo artigo agora em questão, assim o cremos, também vem para fortalecer tais ideias e ideais.

Por sua vez, a experiência em estagiar no modelo remoto (online), junto ao Programa Corra Pro Abraço, veio comprovar o quanto se tem a ganhar em experiência e ressignificação quando se trabalha na pluralidade de um contexto novo e desafiador como o da pandemia que agora vivenciamos. Para as/os estagiárias/os, tal experiência configurou-se como bastante desafiadora, permitindo a amplificação da autenticidade e da aprendizagem das/os estagiárias/os, em suas diferentes habilidades adquiridas ao longo da graduação, durante todo o processo de realização, além de proporcionar a participação das/os estagiárias/os nas reuniões gerais do Programa para troca de saberes e sugestões de outras/os profissionais, propondo outros caminhos possíveis através da comunicação e da informação entre profissionais e estagiárias/os, com o propósito de realizar produções e ações que preconizam o fortalecimento da identidade e do propósito do Programa. Estes são exemplos que nos ajudam a ilustrar



uma ação efetivamente orientada pelas premissas da Psicologia Social Comunitária, se a compreendemos em diálogo com as próprias premissas da Redução de Danos (MARTÍN-BARÓ, 1997; MACIEL; ALVES, 2015).

Em vista do que foi evidenciado a partir deste relato, considera-se, doravante, ser perceptível o quanto que as experiências obtidas durante o período em que houve a execução das práticas de estágio aqui analisadas foram de suma importância para o crescimento profissional e o entendimento das dinâmicas e estratégias que percorrem as ações realizadas com a população em situação de rua para as/os estagiárias/os envolvidas/os, frente ao contexto de vulnerabilidade vivenciado, e que esteve ainda mais acentuado com a chegada do novo coronavírus, tendo como horizontes teórico-técnicos a Psicologia Social Comunitária e a Redução de Danos. Desse modo, cremos ter sido possível compreender a indispensabilidade da atuação do psicólogo na área social e comunitária, ao passo em que este aprende com a Redução de Danos um modo de se fazer e se pensar uma ação social e comunitária; e com a qual, a partir do uso de estratégias e ações concretas, possibilitar-se-á modificações na dinâmica de vulnerabilidades sociais variadas ainda presentes, a partir de um trabalho em conjunto com este mesmo público em vulnerabilidade, favorecendo o processo de atenção e cuidado junto a essas pessoas, mesmo que a partir de práticas não convencionais. Um horizonte difícil? Sim. Mas também um horizonte possível à formação de novas psicólogas e psicólogos, comprometidas/os com o trabalho social e em Políticas Públicas e Direitos Humanos ante a Psicologia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Edilson Tavares; SAAD, Luísa. **Outros Caminhos são Possíveis – Corra Pro Abraço: Ação Pública de Redução de Riscos e Danos para Populações Vulneráveis**. Salvador: Comunidade, Cidadania e Vida, 2019.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. “Relato de Experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade”. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 19, n. 1, 2019.

HINO, Paula; SANTOS, Jaqueline de Oliveira; ROSA, Anderson da Silva. “Pessoas que vivenciam situação de rua sob o olhar da saúde”. **Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)**, vol. 71, n. 1, 2018.

MACHADO, Letícia Vier; BOARINI, Maria Lúcia. “Políticas sobre Drogas no Brasil: a Estratégia de Redução de Danos”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 33, n. 3, 2013.

MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros; ALVES, Monalisa Barbosa. “A importância da psicologia social comunitária para o desenvolvimento sustentável”. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, vol. 10, n. 2, 2015.



MARANHÃO, Romero de Albuquerque.; SENHORAS, Elói Martins. “Orçamento de guerra no enfrentamento à Covid-19: entre manobras parlamentares e batalhas políticas”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 6, 2020.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. “O Papel do Psicólogo”. **Estudos de Psicologia (Natal)**, vol. 2, n. 1, 1997.

MENDES, Kíssila Teixeira; RONZANI, Telmo Mota; PAIVA, Fernando Santana de. “População em Situação de Rua, Vulnerabilidades e Drogas: Uma Revisão Sistemática”. **Psicologia & Sociedade**, vol. 31, e169056, dezembro, 2019.

NATALINO, Marco **Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.

PAIXÃO, Diele Santos da; ROCHA, Renan Vieira de Santana; RODRIGUES, Iago Lôbo Siqueira. “A Psicologia da Libertação e o Aquilombamento da População em Situação de Rua em Salvador/BA: Reflexões através do Programa Corra Pro Abraço”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 5, n. 14, 2021.

ROCHA, Edicarla Macêdo da. “**Tudo é Violência**”: A Percepção de Violência de Mulheres Socialmente Vulnerabilizadas do Território do Pela-Porco / Salvador-BA (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais). Salvador: UNEB, 2018.

ROCHA, Renan Vieira de Santana; BRAMBILLA, Beatriz Borges; BARROS, Brenda Dantas. “Saúde Mental em Contextos de Pandemia e Isolamento Social: Tarefas para as Trabalhadoras e Trabalhadores da Saúde”. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, vol. 8, n. 3, 2020.

RODRIGUES, Jéssica Silva; LIMA, Aluísio Ferreira de; HOLANDA, Renata Bessa. “Identidade, Drogas e Saúde Mental: Narrativas de Pessoas em Situação de Rua”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 38, n. 3, 2018.

ROSA, Anderson da Silva; CAVICCHIOLI, Maria Gabriela Secco; BRETAS, Ana Cristina Passarella. “O processo saúde-doença-cuidado e a população em situação de rua”. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, vol. 13, n. 4, julho/agosto, 2005.

SANTOS, Carla Souza dos; JACINTO, Pablo Mateus dos Santos; ROCHA, Renan Vieira de Santana. “Cuidado em Saúde Mental para a População em Situação de Rua: Uma Revisão Integrativa da Literatura Científica”. **Revista Sociedade e Ambiente**, vol. 2, n. 2, 2020.

SOUZA ALVES, Anderson Felipe; ROCHA, Renan Vieira de Santana; RODRIGUES, Iago Lôbo Siqueira. “Diz em que cidade que você se encaixa, cidade alta ou cidade baixa? Gentrificação e a População em Situação de Rua de Salvador/BA”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 4, n. 12, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 6 | Nº 18 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima